

FERRAGENS
PRONTAS

ESTRIBOS
SAPATAS
COLUMNAS
VIGAS
LAJES

rebeca carapiá

Em fevereiro de 2024 passei um domingo em Salvador filmando com a artista Rebeca Carapiá. Um mês antes, tive uma longa conversa com ela por telefone, quando imediatamente fui convertido num carapianista militante. Não que ela tenha tentado me converter em alguma coisa, nada disto. É porque Rebeca é papo reto, é comunicação direta sem boi na linha. As interrupções, as linhas retorcidas e curvas, os nós, ela coloca em suas esculturas, e muitas delas lembram alfabetos de civilizações extintas. De lá pra cá, ela teve tempo de fazer uma instalação com 20 peças gigantescas em Inhotim, participar da 36ª Bienal de São Paulo e de fazer uma residência na Cité internationale des Arts em Paris. A moça é porreta!

Fabiano Maciel



FM: O que é a Feira do Rolo?

RC: É um lugar que tem de tudo: sapato que custa 50 centavos, calça, roupa, disco, dvd, celular. Eu passei a minha vida inteira aqui e fui me construindo dentro dessa vida, de ser sujeito da cidade baixa...na infância, a gente vinha aqui, eu e meu irmão, e recolhia o que sobrava: brinquedos quebrados, pedaços de fio, motores de geladeira, coisas assim, a gente levava essas coisas para casa...às vezes revendia. O meu primeiro computador montei ali na feira do rolo, pegando as peças separadas. Acho que esse espaço aqui convida a pensar esse lugar de afundamento e flutuação ao mesmo tempo. Como a gente cria respiros de sobrevivência para lidar com o caos ao redor. Hoje eu venho aqui os domingos para procurar um pouco dessas linhas, pra procurar essa geografia. Eu preciso voltar sempre nesse lugar, porque os meus estão aqui e eu estou aqui. A Feira do Rolo me apresentou meu primeiro livro. Eu lia muitos livros espíritas, porque eram os que estavam disponíveis. Sabe, Zibia Gasparetto? Um negócio assim. Eu fui virando uma criança densa, porque aquelas histórias são muito intensas, pesadas e tal. Mas eu tinha um interesse pelo que sobrava. Mas isso também me fez entender que o meu trabalho não seria com coisas catadas. Não seria só com coisas que eu encontro na rua. O meu trabalho é feito do zero, do começo.

FM: Seus pais moram aqui ainda?

RC: Aqui é a casa da minha mãe e neste espaço era a oficina do meu pai, que é serralheiro. Eu tinha uma relação muito difícil com a oficina. Porque o meu quarto era aqui do lado e aqui tinha muito barulho sempre. Então pra estudar, receber pessoas, enfim, fazer qualquer coisa aqui nesse espaço era impossível. E foi aí que eu comecei a construir um texto, uma perspectiva, um pensamento para viver isso. Então toda vez que o meu pai saía para fazer algum serviço fora, eu mexia nas máquinas. O intervalo do trabalho do meu pai era o meu espaço de ateliê. Então apesar de meu pai ser serralheiro a vida inteira, eu tinha uma relação com o ferro difícil, porque o ferro parecia que ele estava no meu caminho me atravessando, construindo um espaço impossível para mim.

FM: Que idade você tinha quando isso aconteceu?

RC: Ah, isso aí eu tinha 26, 27 anos. Já era adulta, eu trabalhava no restaurante, trabalhava como cozinheira. Desde os 12 anos eu trabalho. Minha mãe foi florista muitos anos, a gente trabalhou na rua, eu e Jack meu irmão. Meu irmão que cuidou de mim, 8 anos mais velho que eu... Meu irmão que me levava para escola, que brincava comigo...





FM: Qual é a história do Barco feito pra afundar?

RC: Eu escrevi uma dissertação de mestrado sobre esse Barco feito para afundar, porque ele inundou tantas coisas, assim, e vem inundando tantas coisas... Essa história, ela construiu um espaço imaginário para mim, desse aprendizado que eu estou falando com a minha mãe, com a minha família, que me faz relacionar com as coisas que eu estou envolvida, né? Eu e meu irmão a gente construía pequenos barcos de metal para colocar na enchente, quando a casa enchia. Então isso aqui enchia muito e continua enchendo, semana passada mesmo, encheu. E a gente ficava fazendo esses barcos, catava pilhas velhas, colocava no congelador para carregar pequenos motores, fazia hélices com as coisas que a gente achava quebradas e redesenhava, né? Quando a casa enchia, a gente colocava esse barco para navegar e ele sempre afundava. Então tinha sempre a frustração. Sabe o que minha mãe falava? Ah, a casa vai encher de novo, vocês vão fazer outro barco e ele não vai afundar. Hoje meu planejamento é tirar o barco da casa alagada. Eu venho construindo as retiradas dos barcos da casa alagada.

Então a gente vai construindo espaços lúdicos também, de abstração, de ficção. Eu não aprendi sobre abstração na universidade. Não aprendi com os intelectuais. Eu aprendi sobre abstração com minha mãe. Aprendi que se a água entra na casa, se você tem um metro e meio de água entrando dentro de casa, a gente vai pegar tudo que tem na geladeira, vai subir a escada, vai fazer um churrasco e vai chamar todo mundo que está sem casa. Vai ligar o som e vai esperar a água descer.

Então isso para mim é liberação cognitiva, é ficção, é intelectualidade, é estratégia. E depois eu pego esse conhecimento incorporado aqui, traduzido, entregue a mim pela minha família, por esse lugar e vou construir outros pensamentos. Vou compreender o que são atos visuais, o que é academia, o que são os pensamentos intelectuais.

Esse espaço é o espaço que me constitui como artista, como sapatão de rua. Esse é meu corpo e eu quero entregar esse corpo junto com esse trabalho. Eu entrego também o movimento do meu corpo, entrego a minha personalidade, entrego a minha história, entrego tudo que me formou como pessoa...

FM: Como é ser uma mulher sapatão de rua?

RC: Eu sou uma mulher sapatão de qualquer jeito. Se eu virar esquina, eu sou uma mulher sapatão. Não preciso dizer que eu sou sapatão, porque eu performo um sapatão. A gente estava ali na Feira do Rolo, por exemplo, e veio uma figura e falou: você é das minhas, você é do vale, você é sapatão. Então, como é que eu vou pensar esse corpo sapatão periférico dentro de tudo que a gente conhece e entende como periferia de maneira literal? Como seria isso? Acho que a abstração ela abre um lugar para mim, não é de abstrair no sentido de dissolver essa figura, é no sentido de ampliá-la. Eu quero ampliar esse corpo sapatão, entender a diversidade...A diversidade não é nenhuma boa palavra nesse sentido, mas pensar a multiplicidade de femininos, entende? De femininos, de mulheres, de não mulheres.

Então, acho que a abstração é o meu processo de liberação cognitiva. Quando eu olho para essa comunidade, quando eu olho para a minha existência dentro dessa comunidade e eu tento falar sobre esse corpo dissidente, sobre esse corpo sapatão, sobre esse corpo que anda, que fala, que imagina as coisas e aí que gesticula, que compõe uma linguagem dita, vista, revista como marginal. E nesse exercício imagina, compõe artes visuais, compõe escultura, escreve a linguagem, abre espaço para falar sobre coisas que não existem, para dizer ousadamente que estou criando uma língua e que é um problema seu tentar entender, porque eu não tenho interesse de explicar.

FM: Como lidar com essa dissidência? Com o rompimento de todas as normas?

RC: Eu acho que o campo das artes visuais me convida a isso e a abstração me permite essa liberdade de lidar com a digestão dessas coisas todas que estou dizendo aqui e colocar ela no meu imaginário. No meu imaginário de mulher, sapato, periférica, da Cidade Baixa de Salvador, já que os marcadores me foram entregues, eu quero fazer bom uso deles.

FM: -E negra

RC: E negra também. Rs...Rs

Mas pegando isso que você falou, o que você estava falando, eu estava pensando na palavra, né?

No esvaziamento da palavra. O que eu faço com a palavra? Porque a palavra não vai dar conta de explicar a minha existência, a complexidade dessa existência, os desejos dessa existência. O modo como ela quer se posicionar no mundo. Se eu não consigo explicar isso com a palavra, como eu consigo fazer isso? Como eu consigo existir sem dar essa resposta que todo mundo quer? Todo mundo quer uma resposta, né?



FM:FM: Li uma frase em um de seus trabalhos: Cruzamento de Temporalidade. Artistas plásticos adoram a palavra Temporalidade.

RC: É inevitável no sentido de que a gente está sempre no futuro. Quando o trabalho chega na exposição, para mim, ele já aconteceu, faz bastante tempo. É mais uma apresentação, um processo de celebração dessa escultura pronta. Então, acho que pensar temporalidade é sempre uma coisa muito próxima, no sentido de que a gente está vivendo tempos diferentes para a apreciação estética, por exemplo, da obra e a feitura dela. E no meu processo, a feitura da obra é a obra. No meu processo, estar em contato com o ferro, que é essa materialidade, se relacionar com ele, fazer todos os exercícios que eu faço, de escuta, de barulho, de fuligem, de fogo, tudo isso é a escultura. O objeto final está impregnado desse exercício de força, da maresia que está aqui na praia, das pessoas que visitam o ateliê. E eu vou entender o que a escultura é esse fio condutor que está se relacionando com todos esses tempos.

É por isso que o discurso é vazio, porque a gente muda, a gente não consegue dar conta para essas afirmações todas, a gente não consegue dar conta dessa resposta toda, a gente não consegue estabelecer uma relação linear, política, porque você muda, porque as coisas acontecem, porque as experiências são outras, porque a gente fica cansado, exausto, porque pensar representatividade, porque pensar pontos de partidas que são limitadores por si só, eu não consigo vê-los adiante, entende? A clareza do meu discurso, ela diz respeito ao meu exercício o tempo todo de pensar sobre a diferença e não sobre a resposta. Então eu estou tentando fazer coisas que se modelem aonde eu estou movimentando, tipo assim, eu posso aqui elencar a Feira do Rolo. A Feira do Rolo é real, eu sou real, eu sou uma mulher com todas as coisas que eu já falei, que veio da periferia, mas que acessa a intelectualidade.

FM: Como você vira a chave Feira do Rolo, intelectualidade?

RC:Eu costumo dizer que eu fui gentrificada pela arte contemporânea...Eu brinco que ao mesmo tempo que eu sou a Rebecca CBX, a da Quebrada, a Motoqueira da Quebrada, a sapatão do ferro. Eu sou tantas pessoas! Eu posso me relacionar com essas tantas pessoas de tantas maneiras, e isso me interessa muito, sabe?

FM: E como escapar da armadilha da estética de periferia?

RC:Eu acho que identidade é diferente de insalubridade. São coisas completamente diferentes. A cultura da periferia é uma cultura que se relaciona com a sua construção cultural, seu modo de comer, o modo de falar, o modo de reunir as pessoas, o modo de dançar. E a insalubridade é outra coisa, essa é a estrutural. Então, eu acho que são coisas diferentes quando você fala vamos defender o gueto, vamos defender a periferia. A gente está falando de identidade cultural, de existência, de comunidade, de coletividade, de respeito, de ancestralidade. E coisas que são muito caras para sobrevivência desse grupo periférico, que resiste e existe na coletividade.

Se a gente pensar, por exemplo, a modernidade, ela só fala de individualidade. A minha casa, a minha coisa, o meu apartamento... Eu estou dando aqui um exemplo superficial para a gente pensar como é a identidade da periferia, de como a gente deseja viver e se comportar. De se divertir, botar o som na porta de casa, fazer churrasco, falar com todo mundo...Agora, a insalubridade diz respeito a falta de estrutura para sobreviver, a gente falou mais cedo sobre racismo ambiental, e pensar, por exemplo, nesse lugar aqui, sofrendo com os alagamentos, com doenças, com a perda das coisas, pessoas começando a sua vida o tempo todo, todo ano você precisa recomeçar a vida. Que cansaço, todo ano você precisa de um sofá novo, ou talvez uma geladeira nova e todo ano uma questão estrutural abala as coisas que você está planejando. Eu acho que é importante não romantizar a favela. A favela não pode ser romântica. Quando eu te mostro a Feira do Rolo, a minha casa, minha mãe, o quarto que eu morei, isto diz respeito ao meu desejo de contar a minha história para os meus. Porque este lugar faz parte da minha pesquisa, ele está inscrito nas minhas esculturas e ele me revela como pessoa. Não é só para dizer que eu vim daqui.



Rebeca Carapiá (Salvador, 1988) aparece assim no site da Bienal de SP: é artista e pesquisadora interessada nas relações entre linguagem, encontro, conflito, geografia e suas narrativas. Sua pesquisa, desenvolvida em diversas plataformas, aborda memória, racismo ambiental, economias da precariedade, tecnologias ancestrais e dissidências. Trabalha a escrita cotidiana como prática de criação e teve texto incluído no livro *Textes à lire à voix haute* (Brook, Paris, 2022), além de publicar o livro de artista *Dois meses de permanência* (Residência Ybytu, São Paulo, 2023). Participou de exposições no Museu de Arte Moderna de São Paulo, Pinacoteca de São Paulo, Instituto Inhotim (Brumadinho), Museu de Arte Moderna da Bahia (Salvador), Museu de Arte do Rio (Rio de Janeiro) e Lunds Konsthall (Lund).

FM: O seu barco não afunda mais?

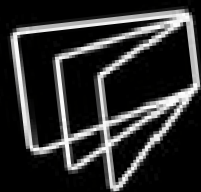
RC: Minha mãe me ensinou a construir abstração em sonhos e desejos fora do trauma. Me ensinou que é importante entender onde você tá, entender que as coisas são difíceis, mas também como você sai delas. Meu desejo é sair da violência, meu desejo é sair do trauma. E ainda que isso talvez seja um exercício impossível... eu tô trabalhando para dissolver, para digerir porque eu mereço. Eu mereço, a minha mãe merece, a gente merece celebrar, a gente merece um estado de celebração.

FM: Você falou da Zíbia, você tem alguma relação com o candomblé?

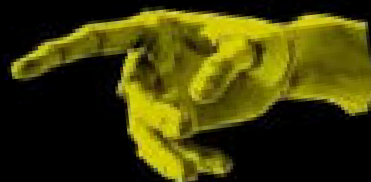
RC: Ogum na minha vida é a minha sustentação. Ogum me dá força pra erguer meu corpo. Mas eu não costumo fazer esta associação Ogum-Ferro porque não quero que o meu trabalho seja localizado num lugar que não desejo. Eu tô discutindo coisas políticas muito sérias e eu preciso que isso seja visto. Porque o meu trabalho é um convite político, para compreender o que significa a diferença de classe, de raça e de gênero nessa sociedade. E é pra isso que a gente tem que olhar. Quando as pessoas começam a mistificar isso, porque muitas pessoas entendem ancestralidade, espiritualidade, como misticismo, isso entra num lugar complexo. Então assim, ninguém pergunta se uma pessoa é católica, quando ela faz um trabalho artístico, se tem Jesus ali no negócio dela. Mas com artista negro... Então assim, eu não fujo do fato de que OGUM é meu pai, e que eu me relaciono com a energia de OGUM pra executar o meu trabalho. Porque OGUM me oferece essa força, e ele se relaciona comigo e eu sou muito grata. Mas OGUM também me dá discernimento pra dizer que ele não é monotemático, que a energia dele é muito maior do que isso, e que ele tem um monte de filhos pra dar conta, eu sou só uma delas.

fotos: reynaldo zangrandi e divulgação rebeca carapiá





Já estão no ar **exibição e votação online!**



De **01 a 30 de junho**, o CURTA! Festival
exibe mais de 160 filmes e séries gratuitos
para você **assistir e votar.**

Participe e ajude a definir os grandes
vencedores de 2026!



ASSISTA O EPISÓDIO DE REBECA CARAPIÁ DA SÉRIE RAIZ: ARTE AFROBRASILEIRA CONTEMPORÂNEA NO CANAL CURTA.

APROVEITE E VOTE, ESTAMOS NA DISPUTA DE MELHOR SÉRIE DE 2026, na categoria PRODUÇÕES ORIGINAIS CANAL CURTA! PARA ASSISTIR E VOTAR ACESSE O LINK:



https://curtafestival.com.br/series/raiz_arte-afro-brasileira-contempor%C3%A2nea

Para votar, não tem mistério:

- 1 Acesse o site oficial: curtafestival.com.br
- 2 Faça o login com email e senha.
- 3 Assista às obras disponíveis na plataforma.
- 4 Dê sua nota: você pode avaliar cada filme uma única vez, escolhendo de 1 a 5 estrelas! 
- 17 Marque no calendário: a votação popular encerra em 30/06.